
Na quadrilha junina eu me divirto, eu sou artista: Sociabilidades e protagonismos juvenis nas quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte-CE

*At June's dance I have fun, I am na artiste. Sociabilities and juvenile
protagonism in June's dances in Juazeiro do Norte - CE*

Ricardo Cruz Macedo



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/4481>

DOI: 10.4000/pontourbe.4481

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Ricardo Cruz Macedo, « Na quadrilha junina eu me divirto, eu sou artista: Sociabilidades e protagonismos juvenis nas quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte-CE », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 17 dezembro 2018, consultado o 14 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/4481> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.4481>

Este documento foi criado de forma automática no dia 14 junho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Na quadrilha junina eu me divirto, eu sou artista: Sociabilidades e protagonismos juvenis nas quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte-CE

*At June's dance I have fun, I am na artiste. Sociabilities and juvenile
protagonism in June's dances in Juazeiro do Norte - CE*

Ricardo Cruz Macedo

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 18/09/2018

Aceitação / Accepted 03/11/2018

Introdução

“O mundo junino é algo que você tem que ter dentro de você. É onde você pode se engrandecer e até virar um artista. Festa junina pra mim é como se fosse um trabalho e ao mesmo tempo, minha diversão. É onde eu mostro o que eu sei fazer”.

(Fabrício. Entrevista em 08-04-2015).

- 1 As quadrilhas e festivais juninos são emblemáticos símbolos de manifestação cultural no Brasil, e, singularmente, na região nordeste. Tipicamente matutas e interioranas, elas tiveram suas estéticas e práticas rearranjadas durante o século XX, principalmente

a partir das últimas décadas, embrincando-se aos processos de crescimento e transformações das cidades brasileiras. Observando-se as quadrilhas e festas juninas no Cariri cearense, mais especificamente em Juazeiro do Norte, o objetivo deste artigo é compreender o estabelecimento de redes de relações e sociabilidades entre jovens quadrilheiros juninos e como constroem seus mecanismos de participação em festivais institucionalizados. Os dados¹ apresentados foram elaborados através de análises etnográficas e entrevistas em grupos de discussão realizadas entre fevereiro e agosto de 2015.

- 2 Para as Ciências Sociais, as categorias aqui analisadas - sociabilidades, protagonismos, vida urbana, práticas culturais e dinâmicas em grupos, pensadas a partir das experiências juvenis - têm se mostrado cada vez mais presentes e pertinentes aos debates antropológico e sociológico. A problematização aqui oferecida é uma possibilidade de conhecimento e compreensão sobre a diversidade de práticas sociais e culturais e dos modos como os determinados sujeitos e grupos atuam nos espaços urbanos. Ao mesmo tempo, as quadrilhas juninas são percebidas para além do seu simbolismo e significância cultural, mas, enquanto *lócus* onde se estabelecem vínculos de sociabilidades, afetividades e conflitualidades na cidade.
- 3 Encaro as quadrilhas juninas como promotoras de sociabilidades ao romperem as ordens cotidianas e proporcionarem o estreitamento de laços sociais entre indivíduos e grupos na cidade para além dos momentos festivos do período junino. São espaços de relações que rompem a temporalidade efêmera e calendarizada, geralmente localizada entre os meses de junho e julho.
- 4 Compreendo as sociabilidades enquanto expressões das relações, laços e vínculos sociais entre os quadrilheiros no interior dos grupos que dão sentido aos pertencimentos e às reafirmações entre si e onde as experiências e situações compartilhadas têm valor para aqueles nelas inseridos. Estas sociabilidades são, conforme Simmel (2006:65-66), formas lúdicas de sociação, onde as interações ocorrem entre iguais. Tais sociabilidades se fundamentam num jogo contínuo de trocas simbólicas onde, sem cessar, se afirmam e reafirmam um reconhecimento social que pressupõe, além de uma competência específica, de aquisição e exteriorização dessa competência, um dispêndio constante de tempo e de esforços (Pais 1990:14).
- 5 O grupo pesquisado foi a Agremiação Junina Cariri, AJC, sediada no bairro Limoeiro² em Juazeiro do Norte. Nesta quadrilha atuam 16 casais, porém, há em média 50 membros entre brincantes ou dançarinos, lideranças e equipe de apoio. Optei por trabalhar com os brincantes por compreender haver um conjunto de relações de maiores aproximações e duração no decorrer do ano.
- 6 A aproximação com o universo de pesquisa ocorreu, sobretudo, pela sua singular composição juvenil, demonstrando-se como um espaço fértil de relações entre jovens vindos de bairros diversos da cidade. Do mesmo modo, enquanto possibilidade de estabelecer cruzamentos entre as categorias juventudes, sociabilidades, protagonismos e festas juninas.
- 7 Os jovens deste grupo são oriundos de dez bairros distintos de Juazeiro do Norte, perfazendo caminhos diversos até os espaços de encontros para os ensaios coreográficos e para a sede. Esses sujeitos mantêm uma intensa participação nos momentos que fazem parte das atividades da quadrilha junina, tornando a presença em importante norma de pertencimento grupal.

- 8 Em termos de demarcação etária, procedo com a noção de juventude como resultante da coorte correspondente entre 15 e 30 anos de idade. Esta opção justifica-se como estratégia metodológica, fazendo referência a todos os brincantes e líderes da quadrilha Agremiação Junina Cariri. Para além deste aspecto, ainda no sentido de definição, também foram consideradas, principalmente, as inter-relações, caracterizações e significações entre os próprios jovens sobre seus pares, apreendidas e analisadas através da abordagem etnográfica.
- 9 Para reconhecimento dos jovens, utilizo nomes fictícios. Tomar esta postura justifica-se como maneira de preservação dos informantes ao considerar importante destacar as tensões, conflitos e choques de opiniões observadas no interior do grupo estudado bem como nas referências às suas relações com os demais em Juazeiro do Norte. O único nome real é Agremiação Junina Cariri, daqui por diante referida pela sigla AJC, em respeito às expectativas dos próprios jovens pesquisados.
- 10 A partir da imersão empírica, baseio aqui o uso da categoria juventude através das seguintes características, suscitadas pelos nativos: 01- Sujeitos marcadamente sem renda própria, dependentes dos pais e precisando trabalhar. 02- Em falta de autonomia com relação aos seus próprios atos, sobretudo em detrimento dos pais, ressaltando-se a necessidade dos estudos. 03- Tendo certas permissividades em relação ao uso do seu tempo, negociando com os pais suas saídas de casa. 04- Em criação de espaços marcados pela descontração, observando-se o uso de gírias e dialetos que instituem uma linguagem própria ao contexto das sociabilidades. 05- Em construção de uma imagem para si baseada em valores sociais como “ser responsável” e “comprometido” com seus pares e práticas.
- 11 Estes traços marcam a ideia de juventude aqui utilizada e se constituem em vias de compreensão dos modelos juvenis. Com eles, é possível pensar as expectativas familiares relacionadas à escolaridade e produção de renda, quando os jovens são convocados a procurarem emprego ao invés de dançar quadrilha, ou mesmo, dividir seus tempos com atividades remuneradas, o que pode ou não, provocar reações de conflito e tensões com a família.
- 12 São jovens que compartilham uma pretensão de viver as experiências mediadas pela quadrilha junina não só como espaço para “passar o tempo”, mas como marcado por uma “*distração comprometida e prazerosa*”, conduzida pelas regras que eles mesmos estabelecem. O grupo preenche, desse modo, o tempo pelo cotidiano através das atividades a serem desenvolvidas.

A fidelidade aos ensaios em dias de sábados e domingos é expressão do compromisso entre os jovens e seu grupo. Mesmo que haja ausência de um ou outro às atividades, estes momentos indicam sentidos diversos para os jovens quando passam boa parte do tempo conversando, interagindo e fazendo do espaço um ambiente de convivências. Isso porque, nestes encontros, comumente há um tempo de cerca de uma hora e meia, entre o antes e o depois dos ensaios, em que os jovens põem-se a conversar uns com os outros, ver os movimentos da rua, trocar informações, estabelecer e reafirmar suas redes de relações com os pares. (Trecho extraído de Diário de campo, 14-03-2015).

- 13 É possível afirmar, assim, que para os jovens quadrilheiros, pertencer a grupos como os de quadrilhas juninas possibilita, muitas vezes, a construção de visibilidades e representa uma experiência que contribui para suas circulações pela cidade. Penso com Liana Araújo (2015:87) que o jovem procura espaços como a quadrilha junina para emergir enquanto sujeito na busca por reconhecimento coletivo, almejando uma forma

de ser notado. Tais espaços funcionam como ferramentas que possibilitam a apropriação e reinvenção dos espaços de convivência já conhecidos entre eles na cidade. Assim, o protagonismo se expõe como signifiicante na construção e agenciamento de espaços de possibilidades tecidos entre os próprios jovens, podendo servir enquanto campo de visibilidades de suas práticas e fazeres.

- 14 Além da apresentação e conclusões, este artigo está organizado em quatro tópicos. A partir da noção que os jovens projetam a quadrilha junina como espaço familiar, esboço uma reflexão sobre os usos do tempo no grupo a partir do tópico um, intitulado “*A galera da quadrilha é uma família pra mim!*” *Usos do tempo na sede, ensaios e cotidiano*. No tópico dois, “*A gente se vira!*” *Pedágios e outras estratégias de arrecadação financeira*, contextualizo os mecanismos de arrecadação financeira, acentuando o caso dos pedágios nos semáforos. No tópico três, “*Hoje é dia de festival!*” *As quadrilhas juninas e as apropriações do urbano*, problematizo as táticas de apropriação dos espaços urbanos nos dias de festivais como um modo de olhar os jovens através das suas circulações pela cidade. No tópico quatro, “*A alegria do povo é nossa recompensa!*” *As performances grupais e os processos de reconhecimento social* ofereço alguns elementos para compreensão das performances grupais nos processos de reconhecimento social.

“A galera da quadrilha é uma família pra mim!” Usos do tempo na sede, ensaios e cotidiano

- 15 A produção das atividades nas quadrilhas juninas atravessa um longo período no ano. Este processo envolve uma série de encontros, ensaios e reuniões. Penso com Priscila Silva (2009 *apud* Barroso 2013:77) que as quadrilhas juninas são um espetáculo cuja extensão a nossa percepção de espectador alcança apenas parcialmente. A série de atividades que antecede a apresentação pública, por exemplo, é desconhecida do público que assiste, como é possível perceber no trecho a seguir, extraído de diário de campo.

Noite de vinte e seis de março de dois mil e quinze e o ensaio técnico da AJC ocorrerá no pátio da Universidade Regional do Cariri - URCa, Campus Artes e Teatro, Juazeiro do Norte. É por volta de 18 h20 e eu ando poucas quadras até este local de atividades semanais. Ao chegar, sento-me entre os jovens, onde conversamos à espera dos demais. Na escuta de um e de outro, Sérgio diz: Isso aqui tem que ser diversão, se não, não tem graça. Sabemos que ganhar é bom (Para se referir aos festivais juninos disputados pelo grupo), mas, a diversão que vivemos aqui é importante. Agora, a gente entende que a quadrilha também é um compromisso. Um compromisso firmado em dezembro. (Trecho extraído de diário de campo, 26-03-2015).

- 16 Compreender a duração do tempo implica considerar as composições de significados e simbolismos compartilhados entre os jovens. Favorecido pela inserção no campo desde fins de janeiro de 2015, período de elaboração dos primeiros passos coreográficos e criação dos personagens para o casamento matuto³ no grupo, observei uma constante repetição de termos utilizados entre os jovens, como, por exemplo, galera, denotando significações para os espaços de relações.
- 17 O termo galera enquanto categoria analítica emergida dos contextos nativos maneja sentidos simbolicamente distintos para os jovens pesquisados, dizendo, em determinadas vezes, relações sólidas, noutras, flexíveis. Constatei que o termo constitui um arranjo de grupo para o reconhecimento entre aqueles com os quais são

estabelecidas relações de trocas, reciprocidades e interesses nas afinidades identitárias. Demarca o espaço com quem se compartilham afinidades, servindo para referenciar à ordem grupal em suas nuances e como marcador discursivo da/na dinâmica ocorrida na quadrilha junina.

18 Ao dimensionar relações de aproximações e redes de interações, os membros das quadrilhas juninas dispensam a definição de galera para se referirem a grupos concorrentes, àqueles com quem se estabelecem experiências marcadas pelas tensões, tornando-se ferramenta para as oposições. Nestes casos, as distinções são também verificadas no interior dos grupos, denunciando relações de menores aproximações entre uns e outros dos seus membros uma vez que as dinâmicas de interação ocorrem sobre graus variados.

19 No caso da AJC, percebi muitas vezes a utilização do termo como homólogo a família, ambos interseccionando-se. Nestas circunstâncias, galera simboliza o grupo daqueles com os quais as relações são vividas sobre as trocas recíprocas, afetividades, companheirismos e amizades diante dos contextos em que se inserem.

Pra mim, eu acho que é uma das famílias que eu tenho agora. Eu tenho a minha família que é de sangue, ma tenho a família da Agremiação, que é pra mim todos irmãos e irmãs. Agora, pra uns, vai ser família, pra outros, vai ser a galera... Pessoal, vamos reunir a galera para ir ao cinema. Chama quem? Fulano e fulano e fulano. Aí, junta a galera. (Paulo. Entrevista em 08-04-2015).

É porque quando acaba, sempre fica todo mundo ali, conectado. Sempre! Aí, por isso que é galera. Por conta desse círculo que fica todo mundo muito apegado. É uma coisa que não se desata. Vai ao cinema, então vai fulano e fulano. Quem vai? A galera da quadrilha, as mesmas pessoas (Fabrício. Entrevista em 08-04-2015).

20 É possível observar que os termos galera e família têm significativo peso na nomeação das redes de relações estabelecidas entre os jovens estudados. Simbolizam a demarcação e reafirmação do espaço de afinidades. Neste sentido, cada grupo, cada quadrilha junina, representa uma dada galera.

21 Estas demarcações definem redes de relações e de sociabilidades negociadas através dos jogos de conversas, ideias e práticas compartilhadas entre si porque são derivadas das experiências, afinidades e interesses.

Na sociabilidade encontramos uma relação na qual o fim é a própria relação [...] e é por meio dela que se constitui uma unidade. É o que vemos acontecer nas relações que os jovens pesquisados estabelecem com o grupo de pares, sejam eles os “chegados” do *hip hop*, a galera do *funk* ou os parceiros da capoeira [*e aqui, das quadrilhas juninas*]. [...] O “trocar ideias” é de fato um exercício da razão comunicativa, ainda mais significativo quando encontram poucos espaços de diálogo além do grupo de pares (Grifo meu) (Dayrell 2004:10)

22 Tal sociabilidade reforça internamente o sentido de grupo, sendo indicada a partir de expressões tais como: “A minha segunda família”, “Aqui é nossa família também!”, “Nós somos amigos de verdade” etc. Tornam-se instrumentos de distinção na forma como os membros do grupo concebem o espaço no qual pertencem em relação às outras quadrilhas juninas.

23 Para além das categorias galera e família como expressões corriqueiras no discurso dos jovens, defrontei-me com usos e significados atribuídos aos espaços e tempo utilizados. Na dinâmica das ações desenvolvidas entre os membros da AJC, três espaços se apresentaram relevantes à compreensão. 01- O pátio da Universidade Regional do Cariri-URCa, Campus Artes e Teatro, bairro Pirajá. 02- Escola Felipe Neri, bairro

Limoeiro. Neste, os encontros são aos sábados e domingos, indo de 14h até 20h; naquele, os ensaios ocorrem três dias por semana no horário entre 18h30 e 21h. Ambos são negociados pelos líderes do grupo com as instituições para a realização dos ensaios técnicos que ocorrem de meados do mês de janeiro até fins do mês de junho. 03- Casa sede. A partir do mês de abril, a sede, no bairro Limoeiro, aparece como importante ponto de referência para os encontros entre os jovens. Sobre este espaço, destaco o seguinte trecho de diário de campo.

Portando uma câmera fotográfica, ando cerca de vinte minutos até chegar à sede, aonde fui recebido no portão pelos jovens Alexandre e Fabrício. Olha ele aí, disseram. Ao entrar no primeiro cômodo da casa, uma sala ampla, deparei-me com um amontoado de grades de ferro, grandes telas pintadas e folhas de papel velho com desenhos de bandeirinhas ao chão. Entrando, vamos os três conversando. Alexandre diz: É, meu caro, a vida aqui está um corri, corri danado! Perguntei quem havia pintado as telas e o mesmo disse: É criação minha mesmo! Isso é minha arte, é uma expressão modernista [Risos]. Os baldes de tintas abertos e as telas ainda frescas exalavam um cheiro forte naquela sala. Ao som de músicas de *reggae*, conversamos alguns minutos quando entrei pelos outros cômodos aonde também havia outros jovens. Aí, percebi que a sede serve também de ponto de descanso. Num sofá em outro cômodo encontravam-se as jovens Roberta e Mônica. Já ao chão, Sofia e Tiago. Algumas das jovens bordavam coletes dos figurinos e outras peças de roupas, e ajustavam e revisavam botões. Em uma cadeira improvisada estava Sandro, arrumando palhas de milho com um ferro de engomar, e ao seu lado, Fabrício, cosendo peças de roupas numa máquina de costura emprestada. Na cozinha estava André, que colava pequenas palhas de milho nos figurinos. No último dos cômodos da sede, o quintal, estava Igor, que cortava finos panos para as anáguas. Ao chão, muito resto de material, como palhas de milho, retalhos de tecidos, pedaços de esponja e papel picados. O ambiente remetia a uma oficina dada a participação dos presentes na execução das distintas atividades. A empolgação quanto a esse momento, dito como “reta final”, ressalta aos olhos. A expectativa para as apresentações se mistura, rapidamente, ao cansaço dos inúmeros dias e noites acordados e é comum escutá-los reclamar de dores no corpo. Na volta a sala, percebo estar pendurado em cabides e pedaços de arames ao teto alguns figurinos já prontos. A distração em toda a sede era marcada pela conversação sobre apresentações de outros grupos juninos de Juazeiro do Norte que já haviam iniciado seu ciclo em festivais locais. Falar sobre quadrilha junina e festival é assunto central entre todos os jovens. Mostram, entre si, gravações feitas em câmeras de celular sobre apresentações de outros grupos, riem sobre passos desalinhados, comentam e defendem a qualidade da apresentação a qual estão construindo. Passei a notar como os próprios jovens quadrilheiros se tornam refinados olheiros a partir das filmagens às práticas que vão ocorrendo entre um grupo e outro, a preocupação em empolgar o público como ferramenta para o reconhecimento etc. Penso que a sede seja um espaço inventivo entre todos, servindo como refúgio de extrema interação. (Trecho extraído de diário de campo, 04-06-2015).

- 24 Na sede, a sociabilidade integra os jovens às dimensões práticas e simbólicas das festividades juninas e dos seus interesses enquanto grupo. Estando neste espaço, as relações dos jovens são produzidas a partir dos efeitos dos assuntos considerados “novidade”, “fofoca”, “festinhas”.
- 25 Ao contrário dos locais dos ensaios, onde é cobrada a participação na dança, por exemplo, a sede funciona como emblemático ambiente onde a presença pode ser considerada um fim em si mesma. Estar na sede tem uma importância para a apropriação dos códigos compartilhados, para as relações que fogem aos limites

preestabelecidos nos tempos determinados, como quando estão nos espaços de ensaios coreográficos.

Os usos que os jovens fazem dos espaços e do tempo constituem um domínio de afirmação das identidades, das linguagens e estilos de vida, tanto em nível simbólico e discursivo, quanto em nível prático. Deste modo, a sociabilidade juvenil se traduz em diferentes formas de consumo do tempo e na apropriação dos espaços urbanos, o que possibilita o desenvolvimento de tensões e conflitos, latentes ou abertos, entre éticas estruturais tradicionais e novos horizontes sociais de realização individual. (Sousa 2012:05).

- 26 As relações entre os jovens são, desse modo, reflexos de um conjunto de práticas e experiências que tem extensa duração no ano. Caracterizam lugares como a sede e os pátios de ensaios coreográficos enquanto marcadamente deles, os jovens, abrindo margem para as constituições das suas normatividades, significados e conversas. Fundamentam as invenções dos vocabulários, as tonicidades próprias para os seus assuntos e as formas de expressá-los, evidenciando o riso, as ironias e as tensões enquanto marcas do cotidiano que servem como fuga do ordenamento de instituições como família e escola, por exemplo.
- 27 Nos espaços de relações citados, os conteúdos relacionados ao universo junino ganham conotação recorrente, tornando-se mote de conversa entre os jovens. Emergem-se nos discursos, nas trocas de saberes e simbolizações dos pertencimentos, sendo emblemáticos nas relações e interações que ocorrem entre os jovens nos momentos em que estão reunidos.

A aproximação ao período festivo - entre os meses de abril e maio - abre margem para um jogo intenso de conversas onde as inscrições aos festivais, a finalização das atividades de figurinos, cenários, passos coreográficos, apresentações etc., tornam-se guias dos assuntos. Os agendamentos de apresentações e as avaliações dos jovens às demais quadrilhas juninas nos festivais que vão ocorrendo na região do Cariri são temas em ebulição entre os jovens. O dia em que será a abertura do "junino" pelo próprio grupo também é assunto recorrente. Esta ávida apropriação à prática possibilita a emissão de juízos de valor entre uns e outros grupos, como comentado por Sérgio: É bom ver que mesmo os grupos errando em determinadas coisas, eles - os brincantes - fazem aquilo por amor ao São João. Estes assuntos vão encobrir os momentos dos encontros de uma tensão pré-estreia, pois o dia em que ela ocorrerá, todas as atividades de composição de figurinos, cenário, danças, efeitos de luzes deverão estar prontas. Os jovens vão indicando em suas falas ainda as estratégias de melhor se sair nas apresentações, tais como: ordem dos sorteios nos festivais, se abrirá ou não as apresentações da noite; o preparo de uma agenda de apresentações que possa garantir o bom desempenho físico; a contratação de transportes adequados para todo o grupo etc. A organização destas estratégias garantirá o desempenho positivo do grupo. (Trecho extraído de diário de campo, 06-06-2015).

- 28 A cotidianização destas práticas na vida social dos jovens desenvolve relações na dinâmica interna e externa do grupo, mediando os contatos, as trocas e tensões entre uns e outros onde circulam. Informa a demarcação e reafirmação de espaços de usos a partir das afinidades. Ao mesmo tempo, reverberam-se as marcas das relações, onde o lúdico constitui-se como traço central. Isso ocorre pelas atividades e dinâmicas desenvolvidas nas conversas sobre uns e outros e nas confidencialidades compartilhadas. A dança junina se torna para os jovens quadrilheiros sua arte, ferramenta que media inserções no espaço social e que tem implicações nos modos de ser, viver e se relacionar enquanto sujeitos em seus mundos.

“A gente se vira!” Pedágios e outras estratégias de arrecadação financeira

- 29 A participação das quadrilhas nos festivais juninos demanda uma produção de apresentações que envolvem quantias altas de recursos financeiros, por isso, cada grupo desenvolve ações específicas para a captação de recursos. No caso da AJC, acompanhei um conjunto de ações a fim de tornar possível o projeto junino. Desde os meses iniciais de cada ano - a partir de março - os jovens pagam valores mensais destinados à confecção de parte dos figurinos. Ao mesmo tempo, são promovidas ainda rifas semanais ou quinzenais de brindes doados, aonde os membros responsabilizam-se pela venda de um determinado número de bilhetes. A renda destes recursos destina-se ao pagamento de aluguel da sede - de abril até agosto - e despesas com água e energia elétrica.
- 30 Os jovens buscam auxílio também com patrocínios, responsáveis por parcelas singelas em relação ao total das despesas. Tais patrocínios são, em geral, oriundos de empresas que investem no intuito de ter suas marcas expostas nas camisas personalizadas. As camisas são utilizadas durante os encontros para os ensaios do grupo, pela equipe de apoio durante as apresentações nos festivais juninos e pelos membros nos dias de pedágios.
- 31 Outra fonte de aquisição de renda são os prêmios oferecidos aos melhores grupos nos festivais juninos pelas instituições organizadoras. Estes prêmios são distribuídos entre grupos seletos de quadrilhas juninas, variando os valores entre os festivais. Em Juazeiro do Norte ocorre ainda o pagamento por parte da prefeitura de uma dada quantia, distribuída, muitas vezes, após o ciclo festivo. Analisando as quadrilhas juninas no Estado do Ceará, Hayeska Barroso (2013:15) destaca que prêmios em dinheiro são concedidos aos melhores grupos, àqueles que atenderem satisfatoriamente aos principais critérios de avaliação, dentre os quais: melhor casamento matuto, melhor conjunto, melhor figurino, melhor animação, melhor marcador, dentre outros.
- 32 As premiações nos festivais dependem das atuações finais, do trabalho concluído, uma vez que resultam das avaliações atentas dos jurados técnicos. Pelo cotidiano, os jovens também compartilham cotinhas, como são chamados pequenos valores, destinados à aquisição de artefatos não ligados diretamente à produção da quadrilha junina, mas que cumprem papel importante no processo de integração entre os envolvidos. Estas ações fortalecem os vínculos e as trocas a partir das compras de utilidades passageiras, tais como refeições, bebidas etc., consumidos coletivamente nos encontros.
- 33 Para além destas estratégias citadas, um dos mecanismos mais importantes desenvolvidos pelo grupo estudado é o pedágio, ação que explica como os jovens “se viram”, elegendo-se como a via principal para a aquisição dos recursos financeiros necessários. Os pedágios evidenciam ainda como a cidade e seus espaços podem ser apropriados pelos jovens em termos de suas práticas, como demonstro no trecho seguinte, extraído de diário de campo.

Saí de casa 06h30 na manhã deste domingo. Os jovens haviam marcado de se encontrar às 07h. Percorro cerca de 2,4 km de distância a pé até o semáforo onde será realizado o pedágio. O sinal fica localizado no bairro Novo Juazeiro, entre as avenidas Castelo Branco e Coronel Humberto Bezerra. O local marcado é ponto estratégico. A região é acessada por poucas linhas de transporte coletivo, circulando muitos veículos particulares. Paulo e Bianca me explicam também que este sinal já é

conhecido por eles. Segundo Paulo: Aqui não há aqueles trombadinhas que dividem o espaço com a gente, e também não é tão agitado, como o sinal do shopping. Noto que nem bairro nem, muito menos, o semáforo são escolhas aleatórias. O cruzamento é composto por quatro faixas duplas. Isso facilita a apropriação do espaço, onde os jovens se dividem em pequenos grupos e passam a ocupar cada um dos locais. Como um jogo de relações, há regras básicas estabelecidas. Os jovens devem providenciar calças ou shorts longos e usar as fardas com o nome do grupo. Com o tempo, pequenos grupos passam a ocupar os sinais. Isso não significa uma rígida fixação, onde os jovens não possam andar entre os sinais, mas, que os fazem manter afiliações entre si conforme aproximações, formas de estratégias e conhecimento sobre os locais onde se posicionam. As estratégias adotadas diferenciam os próprios jovens no interior do grupo, como afirmou Paulo para se referir a um dos grupos apelidado de espartanos, nome dado pelo fato de adquirirem dinheiro rápido. Os mais “desenrolados” logo batem suas metas. Isso significa adquirir o valor estipulado conforme o número de pedágios a ser realizado, variando entre 18 e 22 reais as quantias em cada ação. Daí por diante, ecoa com frequência a nativa pergunta “Quem já bateu?” entre os jovens. Ali mesmo são prestadas contas dos valores arrecadados. Os jovens podem receber moedas e cédulas variadas, o que comemoram. Porém, recebem também ofensas, piadas e xingamentos que carregam em suas memórias. Expressões do tipo: “vão trabalhar”, “Quadrilha? [Risos]”, são lembradas pelos jovens. Por volta das 10h30 começam a se dispersar, o dia já ficara bastante quente e muitos voltarão a pé aos seus bairros de moradia para se reencontrarem à tardinha para mais um ensaio coreográfico. (Trecho extraído de diário de campo, 29-03-2015).

- 34 As atividades de arrecadação, especialmente os pedágios, evidenciam dinâmicas particulares nas experiências e relações dos jovens entre si e com os distintos espaços onde vivem e circulam. A cidade passa a mediar e a tornar possível contatos diversos e possibilidades díspares no agenciamento do projeto junino, ou nas práticas culturais que servem como marcas identitárias para os jovens.
- 35 Nestas práticas, o urbano passa a ser expresso pelos jovens nas inserções em suas paisagens, nas estratégias e usos produzidos. A esse respeito, Michel Agier (2011 *Apud* Pereira 2015:102) considera que o desafio é justamente entender que múltiplas cidades são produzidas pelos agentes sociais. Logo, é preciso buscar as cidades feitas pelos cidadãos em suas múltiplas apropriações cotidianas do espaço urbano.
- 36 Nos pedágios ocorre uma intensa reafirmação de redes relacionais que se expõem, por assim dizer, ora sobre afinidades, vínculos e sociabilidades, ora sobre oposições, conflitos e disputas. A própria experiência de pesquisa etnográfica torna-se uma via expressiva à problematização da cidade como local marcado pela constante ebulição e diversidade, demandando a apreensão e compreensão para o manejo de diferentes códigos e possibilidades em que se refletem mundos cidadãos, e aqui, juvenis.
- É só os carros pararem que a gente já sabe quem é que vai. Saímos de muitos, mas, quem me ver indo num carro vai logo pro carro da trás. Eu aprendi que para pedir tem que ser objetivo e rápido para que possa dar tempo fazer um bom número de carros e adquirir mais. É simples, mas tem que saber pedir e agradecer para que o cara que está do seu lado ou atrás de você, nos outros carros, não ache que você é abusado. Eu mesmo tive de uma vez ir quase ganhando 100 reais. Mas, na verdade o cara tirou foi onda de minha cara e perguntou se eu acreditava que ele ia dar era aquela nota mesmo. No final, me deu só 25 centavos. Mas, eu agradei, pra não espantar os outros. Tudo o que vier, é ajuda [Sérgio]. (Trecho extraído de diário de campo, 28-03-2015).
- 37 As ações de arrecadação financeira produzidas por grupos como os de quadrilhas juninas são exemplos que nos possibilitam compreender a categoria protagonismo

como a experiência juvenil que é criada e recriada através dos próprios jovens em seus distintos espaços. São, portanto, fundamentais à problematização destes sujeitos e grupos quando consideradas como parte indissociável do processo de produção, identificação e visualização com as quais passam a se afirmar nos contextos em que estão. Marcam, ao mesmo tempo, formas de significação e interação na cidade através de suas diferentes experiências e inserções.

- 38 Hoje é dia de festival: As quadrilhas juninas e as apropriações do urbano
- 39 As apresentações das quadrilhas juninas são envoltas numa série de preparos ritualizados no decorrer dos meses do ano revelando dinâmicas particulares nas relações entre os jovens nos seus grupos e com aqueles com quem competem, com os espaços de uso e com a cidade. À medida que se aproxima o momento dos festejos juninos a sede como espaço de encontros dos jovens faz deslocar a centralidade dos pátios de ensaios para si. Os brincantes emendam noites e dias a fim de estrear nos festivais. Como momento ápice e intenso de relações, os dias de apresentações tornam-se distintos em relação ao cotidiano de produção das quadrilhas juninas, sendo possível observar maiores tensões, ansiedades e agitações para que figurinos, maquiagens, cabelos e cenários possam estar prontos durante os horários agendados pelos festivais, pois quaisquer atrasos geram perda de pontos ou mesmo expulsão do grupo dos concursos.
- 40 Ainda na sede, as movimentações ocorrem desde o amanhecer e muitos jovens tornam este ambiente local para a sua própria dormida. A distribuição das atividades aglutina os sujeitos sobre determinadas lógicas, reverberando significados, mesmo que inconscientes, sobre os gêneros. As mulheres vivenciam os rituais de preparação, envolvendo maquiagens e penteados arrumados um a um, até o anoitecer. Os homens, por sua vez, finalizam materiais como peças de figurinos e partes dos cenários, arrumando-se já durante o anoitecer quando se deslocam para os locais das apresentações.
- 41 As apresentações durante os festivais constituem-se em mecanismos que possibilitam deslocamentos e usos na/da cidade, favorecendo interações entre jovens e grupos de lugares diferentes e atraindo públicos distintos que lotam as quadras. Servem, também, como momentos diferenciadores das lógicas que orientam os cotidianos dos jovens ao possibilitarem que estes sujeitos sejam percebidos enquanto personagens centrais na festividade, “artistas” por quem os públicos esperam ansiosos pelas atuações para aplaudir, torcer, fotografar.

Apresentações da AJC em festivais juninos.



À esquerda, festival de Crato-Ce. À direita, etapa Ceará Junino - Juazeiro do Norte. Fotos: Ricardo Cruz Macedo).

- 42 Nestes termos, ainda que estejam perpassados pelo debate da competição que lhe acabou sendo inerente, os festivais têm a capacidade de desterritorializar e deslocar os grupos juninos de seus bairros de origem e de suas cidades, e os deslocamentos possibilitam intercâmbios, trocas e sentimentos diversos (Barroso 2013:88). Assim, colaboram na elaboração e manutenção de redes de relações com sujeitos e espaços outros para além daqueles do grupo, intercambiando valores e saberes entre os envolvidos.
- 43 Se os encontros para as atividades de produção da quadrilha junina durante o ano possibilitam as saídas dos jovens com seus grupos no bairro e na cidade, os festivais tornam esse espaço de alcance maior, estendendo-se para outras cidades e até para outros estados. Dessa forma, a cidade tomada como pano de fundo para as práticas culturais é apresentada como um cenário amplo de trocas e de comunicação, evidenciada nas formas de uso não limitadas a uma inscrição local, nem soltas ao sabor da movimentação sem rumo (Magnani 2005:56). As quadrilhas juninas servem, assim, como ferramentas que mediam as vivências para além de espaços como a família, e enquanto ponto de referência para a circulação na cidade e fora dela através dos festivais.
- 44 Nos espaços de realização das competições, expõe-se um intenso jogo de relações a partir das disputas que ocorrem entre as quadrilhas juninas. Também se estabelecem certos graus de aproximação ou aversão, indicados nos xingamentos e zombarias entre determinados jovens e grupos.
- 45 Realizadas as apresentações, os momentos de espera pelos resultados adentram a madrugada e tornam agitados os ambientes dos festivais. Visibilizam-se entre os quadrilheiros as performances e estéticas dos grupos concorrentes, suas indumentárias e temáticas trabalhadas. Uma vez sendo a cidade⁴ o palco privilegiado dos festivais, é possível, pois, afirmar que sejam estes últimos “vitrines” das transformações germinadas nos processos de invenção, apropriação e significação das festividades juninas através das quadrilhas.

“A alegria do povo é nossa recompensa!” As performances grupais e os processos de reconhecimento social

- 46 As relações estabelecidas entre os grupos e deles com os públicos nos festivais de quadrilhas juninas tornaram-se, ao longo da pesquisa, instrumentos para a problematização sobre modelos de performances “mais visibilizados” e aceitos. É possível afirmar que há uma densa intersecção entre a elaboração dos projetos juninos com as avaliações que se esperam dos jurados técnicos sobre certos quesitos⁵, mas, sobretudo, o reconhecimento mediado pelos públicos.
- 47 As premiações em dinheiro e troféus nos festivais têm forte valor simbólico no processo de reconhecimento social dos grupos juninos. Os quadrilheiros procuram desenvolver temas, músicas, textos do casamento matuto, indumentárias etc., de modo a considerar que suas apresentações envolvam aqueles que as presenciam e acompanham durante o ciclo junino.
- O público tem um papel superimportante. Não só nesse trabalho que a gente faz, mas no trabalho de qualquer artista. O artista precisa de seu público. E todos aqui são artistas. Então, o público tem que está lá. O que a gente prepara tem que ser pro povo. É pro povo apreciar, se deleitar, tirar suas próprias concepções. De certo ou errado, foi bom ou não foi. Não é pro grupo seletivo de pessoas que estão lá pra te julgar exclusivamente. É pras pessoas terem entretenimento e a gente sempre quer entretenimento de boa qualidade. Então, o público é a outra parte da moeda nesse trabalho aqui. Porque eu posso não ter todos os dez dos jurados, mas se eu tiver do povo é o que vai me dar força pra ir pros próximos anos, as próximas apresentações. (Alexandre. Entrevista em 26-02-2015).
- 48 As positivas avaliações dos jurados e do público como grupos que compõem, junto com as quadrilhas juninas, os cenários festivos, são importantes para as performances das apresentações, e é sabendo disso que os jovens estão atentos ao compartilhamento de valores específicos do ciclo junino. Pode-se mesmo dizer que o desempenho grupal, ao passar pelo encanto ao público, funda estéticas próprias e tece um discurso sobre/para o grupo.
- Observando o começo do ensaio dos passes coreográficos desta noite, passei a conversar com Alexandre, principal líder que me diz: Você está vendo? ... Todos aqui são artistas, artistas que fazem arte, que tem o dever de emocionar, de tocar as pessoas com o que nós fazemos e que apresentamos. Isso não quer dizer que nós não tenhamos responsabilidade, nós temos sim, mas nós brincamos. Em seguida, destaca: Tudo aqui é por nossa conta, e é a gente mesmo que tem que correr atrás dos recursos. (Trecho extraído de diário de campo, 26-02-2015).
- 49 É possível verificar em Alexandre uma manifestação do fazer por si mesmo através da dinâmica do grupo, onde são os jovens os responsáveis pela sua produção e agenciamento. Para além das dificuldades relacionadas à falta de recursos econômicos, espaços físicos próprios para ensaios, equipamentos para confecção de figurinos etc., os jovens negociam, inventam, produzem, vão aos semáforos, se utilizam, apropriam e significam a cidade através de suas práticas e atividades.
- 50 Os quadrilheiros, desde a negociação dos espaços e equipamentos necessários, são os próprios produtores das suas estéticas para apresentar socialmente o grupo, permitindo sua indumentarização para a visualidade.

- 51 Neste sentido, ao questionar em entrevista “Quais os objetivos da AJC para o ano de 2015?”, obtive as seguintes respostas dos brincantes:

De a gente fazer um bom trabalho. E, além de tudo, você ser reconhecido. Porque não é fácil, você trabalhar oito meses, é claro que você quer ser reconhecido. Porque você quer mostrar seu grupo porque tem aquela certa rivalidade. Então, se a gente está aqui, a gente quer levar e depois passar pros outros quadrilheiros (Bruno. Entrevista em 18-03-2015).

Acho que nosso foco mesmo não é só nem ganhar, é tirar do papel, botar em quadra nosso trabalho. Se emocionar, chorar, igual a todo mundo faz. Desmaiar é a melhor parte ... (Risos). Você chega faltando ar. É ótima a sensação! Isso é sinal de que você deu o melhor de si em quadra. Puxa muito da gente, mas é um momento único. E arrancar um sorriso é muito bom (Vitor. Entrevista em 18-03-2015).

- 52 Essas práticas juvenis ressaltam a relevância e significação que as mesmas têm para os sujeitos de pesquisa, permeando e perfazendo suas vidas sociais através do conjunto de experiências duradouras e simbolicamente marcantes, compondo uma espécie de modo de vida do jovem quadrilheiro.

- 53 Pensando com Machado Pais (1990:05), a busca deste reconhecimento social está atravessada pela valorização de um capital simbólico através de uma exibição pública. Está em jogo a emergência de significados que legitimem as performances publicamente a partir de aspectos como, por exemplo, musicalidade, coreografia agitada, teatro divertido do casamento matuto, e figurinos e seus adereços. Reverberam-se, ao mesmo tempo, certas tensões, onde tem eco as inventividades e ressignificações dos festejos através de efeitos como o uso de fumaça de gelo seco nas aberturas da dança, papel picado, luzes, cenários ágeis aos deslocamentos em quadra.

- 54 A noção de reconhecimento social possibilita entender os jovens de dentro das perspectivas suscitadas por eles mesmos. Nos trechos seguintes, extraídos de entrevistas em grupos de discussão, evidencio esse ponto de vista a partir dos sentidos atribuídos ao reconhecimento social:

Somos artistas completos, né! Dançamos, cantamos, atuamos, fazemos figurinos. E a gente quer reconhecimento. Eu acho assim, que esse momento tem mais valor pra gente do que a questão financeira. Porque tem tanta gente que passa por dificuldades financeiras com a família e vem pra cá... Por que se fosse pago não tinha essa vontade toda de vir pra cá. Agora, só pelo reconhecimento do pessoal, da alegria que a gente tem ali com os amigos, já vale a pena (Erica. Entrevista em 18-03-2015).

Com relação ao negócio de título, cara... Aqui também você tem chance. É isso. Você está vindo aqui brincar, mais tendo ciência de que você está disputando alguma coisa porque se você não conseguir, como é que você vai pra frente? E aqui tem isso. De você lutar, de você brigar pra poder conseguir (Sérgio. Entrevista em 11-03-2015).

- 55 A elaboração de sentidos pelos jovens sobre aquilo que é consumido nas quadrilhas juninas tenciona modos de vida marcados pelas competições nas quais estão imersos. As legitimações dos grupos decorrem de especificidades, de singularidades abordadas. Logo, são produzidos personagens na temática, formas de exposição do teatro do casamento matuto, coreografias e animação musical próprias.

Nesse contexto de consumo cultural, de mudança estética e coreográfica das quadrilhas juninas, seus atores sociais não estão alheios a essas modificações. [...] Nessas novas configurações das quadrilhas juninas, [...] enquadram-se os novos cenários estilísticos em que se encontram as instituições que ganham os concursos de quadrilhas juninas (Araújo 2014:56).

- 56 Públicos e jurados exercem, simultaneamente, influências sobre os projetos juninos construídos pelas quadrilhas juninas. Isso margeia as inter-relações entre quadrilhas, públicos e jurados dos festivais, possibilitando perceber as legitimações sociais, os reconhecimentos, as tensões. Revelam-se, ao mesmo tempo, as transgressões, onde os sujeitos e grupos são também responsáveis pelas reinvenções das festividades juninas que atravessaram a metrificacão dos passos coreográficos, determinacão do tempo das apresentacões, rearranjo dos figurinos para além daqueles cheios de emendas e retalhos, agregacão de novos instrumentos e ritmos às músicas. A esse respeito, observei que havia na AJC um discurso de distincão grupal em relacão aos demais de Juazeiro do Norte no sentido de *'modernizacão das práticas juninas'*, encabeçadas, sobretudo, por Alexandre.

“Eu já tinha participado muito de São João [...] e eu queria criar um grupo com minha cara. Um São João mais moderno e mais atual, mas, sem perder o que eu tinha aprendido no movimento junino. Então, [...] eu mesmo sempre fui moderno por causa das minhas influências. Eu até participei de grupos bem tradicionais, mas, nunca me deixei fugir das influências alternativas, como o Rock Hall, por exemplo. Então, isso é modernizar. Quem pensa São João com Rock Hall? Ou alguém pensou e teve medo de viajar nesse mundo. Eu tenho influências não só da dança folclórica, porque a quadrilha é isso, uma dança folclórica, mas eu tenho influências do contemporâneo, do balé, da didática, da literatura. Aí, muita gente me pergunta o porquê que eu não utilizo tanto das rimas nos textos da quadrilha para voltar à coisa da raiz, que aí você vai ver que boa parte (das quadrilhas) é só rima e eu não gosto disso. Então, meu grupo é diferente e alternativo. Aqui nós reunimos quem nós queremos, desde que conciliemos o tradicional, o folclore, eu não tô dizendo que nós vamos perder, porque se não, não teria sentido, mas, de uma forma alternativa. E a modernidade vem nisso. Vem nos arranjos que nós usamos, vem nos textos que minha quadrilha leva pra população, vem na maneira de dançar, vem nas técnicas.” (Alexandre. Entrevista em 26-02-2015).

- 57 Estas transformacões verificadas nos festejos juninos, sobretudo, nas últimas décadas do século XX, culminaram na determinacão de quesitos, incidindo nas formas como as quadrilhas juninas passariam a ser encaradas. Problematizando a presenca dos jovens nestes processos de transformacões verificados nos festejos juninos, Liana Araújo (2014;57) destaca:

As juventudes presentes nas quadrilhas juninas se apresentam como um elemento fundante da nova configuracão estética. Elas atuam em um cenário de consumo cultural e são convidadas a não somente consumirem, mas a produzirem um novo momento em conjunto com o marcador e o idealizador do tema na história que a quadrilha irá contar no concurso.

- 58 Ainda nesta direcão, Hayeska Barroso (2013:88) afirma que para o quadrilheiro, aquele que se apresenta e desempenha uma performance, e para aquele que assiste, há um duplo movimento construtivo: constroem-se os atores e os espectadores, e nesse sentido, não se é possível pensar um elemento na ausência do outro. Desse modo, os públicos, aparentemente peças passivas durante as apresentacões nos festivais, se tornam agentes indispensáveis que dialogam com as quadrilhas juninas, promovendo, ou não, as agitacões e a alegria como traços marcantes da festa, legitimando este ou aquele grupo.
- 59 As quadrilhas juninas, enquanto instrumentos de mediação das práticas juvenis à vida social se reinventam para assumirem novos sentidos, criar novas linguagens e novas maneiras de se comunicar com o público (Lima 2008:127). Refazem-se, assim, ambos os grupos, onde suas interconexões incidem nos imaginários das festas juninas, nos

valores e simbologias e, ao mesmo tempo, na vida social através das diferentes práticas e experiências dos diversos sujeitos envolvidos.

Sobre algumas considerações

- 60 As observações oferecidas apontam significativos processos de transformações das festas juninas nos espaços urbanos e as juventudes enquanto atores singulares na ressignificação e produção dessas festividades. Tais sujeitos contribuem para novas maneiras de reprodução e produção ao apontar suas formas de dizibilidades e tessituras. Isso porque as práticas e experiências dos jovens, como aqui demonstradas, servem enquanto ferramentas na compreensão dos distintos contextos sociais que perpassam as redes de relações amigáveis e de tensão entre os jovens, entremeando e borrando os sentidos que atribuem às festas juninas em seus cotidianos. Assim, a análise das categorias sociabilidades e protagonismos revelaram as intersecções, simbolismos, apropriações e ressignificações com os espaços onde habitam os sujeitos pesquisados e neles, os diferentes grupos e instituições com quem se relacionam.
- 61 Nas sociabilidades estão em jogo os modelos de agenciamento das relações, suas formas, linguagens e significados produzidos e reafirmados a partir da ordem social no grupo. Se esta sociabilidade demanda uma dinâmica grupal, ela pode ser de um tipo afetivo, amigável e mobilizador. Ou seja, aglutinando jovens para além do aspecto lúdico, onde se estabelecem e reafirmam vínculos, servindo enquanto expressões que demarcam práticas culturais nos contextos sociais em que vivem.
- 62 Mesmo sendo as quadrilhas juninas marcadas pela sua associação ao rito festivo, elas se constituem como um presente estratégico e, por isso, inventivo e híbrido na intenção de ser mostrada, reparada, legitimada. Enquanto campo de atuação, e de experiências e práticas culturais, as quadrilhas juninas se constituem como espaços ímpares de socialização entre os jovens quadrilheiros.
- 63 Quando percebidas através das relações entre os diferentes grupos, também se reverberam tensões e conflitos em torno das disputas que os perpassam. Observando as apresentações nos festivais, pode-se mesmo dizer que não está em jogo o divertimento meramente gratuito, mas certas performances para a elaboração das visibilidades. Logo, o que importa desta festa não é tão somente o divertimento gratuito, puro e simples do quadrilheiro. Seu desejo atual é mostrar-se com toda a perfeição que for possível, é destacar o seu vestuário e a sua coreografia (Lima 2008:121).
- 64 A partir da tensão entre as categorias aqui analisadas, sobretudo, sociabilidades e protagonismos, fica evidente uma série de vínculos, redes de relações e simbolismos nas práticas juvenis que perfazem determinados grupos nos quais os jovens tem forte presença. Isso ocorre porque em casos como as quadrilhas juninas há uma vivência por uma extensão temporal durante vários meses do ano, pondo os indivíduos em contato entre si, com a espacialidade onde se inserem - neste caso, Juazeiro do Norte, e com outros grupos. Servem, ainda, como espaços que possibilitam relações outras para além de ambientes institucionalizados, como os da família e escola, por exemplo. Assim, as quadrilhas juninas se expõem com ambientes significativos na composição de encontros, sociabilidades e protagonismos que mediam diferentes jovens entre si no bairro, na cidade e até mesmo na região.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Liana Matos. 2015. “Juventudes e quadrilha junina: Estilos de vida e sociabilidades no cenário do consumo cultural em Sergipe”. São Cristóvão: Dissertação de Mestrado em Antropologia, UFS.
- BARROSO, Hayeska Costa. 2013. “Prepare seu coração pras coisas que eu vou contar: Um ensaio sobre a dinâmica das quadrilhas juninas no Ceará”. Fortaleza: Dissertação de Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade, UECE.
- CHIANCA, Luciana de Oliveira. 2001. “São João: A mais brasileira das festas”. Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades. pp. 141-146.
- DAYRELL, Tarcísio Juarez. 2004. “Juventude, grupos culturais e sociabilidade”. Disponível em: www.fae.ufmg.br:8080/objuventude/acervo/texto%SCABA2004.html Acesso em: 05/03/2014.
- LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. 2008. “A fábrica dos sonhos: A invenção da festa junina no espaço urbano”. Campina Grande: EDUFCG. 2ª ed.
- MACEDO, Ricardo Cruz. 2016. “Galera, a gente vai bombar! Sociabilidades juvenis nas quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte-CE. Campina Grande: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFCG.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 2005. “Os circuitos dos jovens urbanos”. Tempo Social: Revista de sociologia da USP. São Paulo, pp.173-205.
- PAIS, José Machado. 1990. “Lazeres e sociabilidades juvenis: Um ensaio de análise etnográfica”. Análise Social. pp. 591-644.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. 2015. “Práticas culturais juvenis na metrópole: A etnografia como acesso às múltiplas experiências do urbano”. In: ANDRADE, Maristela. AMORIM, Lara. FRANCH, Mônica. (Orgs.) Antropologia em novos campos de atuação: Debates e tensões. João Pessoa: Mídia gráfica e Editora. pp.97-119.
- SIMMEL, Georg. 2006. “Questões fundamentais de Sociologia”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- SOUSA, Eder Claudio Malta. 2012. “Culturas urbanas juvenis: ‘Jogo’ identitário, lugares e sociabilidades”. XV CISO-Encontro Norte e Nordeste De Ciências Sociais / Pré-Alas Brasil. pp. 01-20.

NOTAS

1. Este artigo é parte abreviada dos resultados da dissertação intitulada “Galera, a gente vai bombar! Sociabilidades juvenis nas quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte-CE” (MACEDO 2016), submetida ao PPGCS/UFCG. A pesquisa foi orientada pelo Professor Dr. Jesus Izquierdo Villota, a quem sou grato pelos apurados momentos de reflexão que tivemos durante o processo de construção do estudo. Agradeço também aos jovens da quadrilha junina Agremiação Junina Cariri-AJC por me permitirem acesso ao grupo, participar das ações e compartilhar dos diversos momentos em que muito aprendi sobre um São João que se estende pelo ano.

2. A sede é uma casa alugada pelos próprios jovens, geralmente a partir do mês de abril de cada ano. Serve como ponto de referência para os encontros, local de confecção dos figurinos e eventuais reuniões.
 3. Historicamente diz respeito à encenação de um casamento forçado pelo pai da noiva por ela estar grávida. Popularmente, a quadrilha junina passa a ser a festa em comemoração ao casamento matuto e os noivos formam o par principal da festa. As encenações do casamento matuto vêm mudando ao longo dos anos, envolvendo inúmeros personagens e teatro que são apresentados logo no início da dança junina.
 4. Diversos estudos mostram a cidade como o celeiro das transformações dos festejos juninos, sobretudo as da região do nordeste brasileiro. Para maiores detalhes, ver Barroso (2013), Chianca (2011) e Lima (2008).
 5. São quesitos técnicos avaliados pelos jurados: Casal de noivos, repertório musical, harmonia, tema abordado, entre outros. Ganham os concursos os mais bem pontuados.
-

RESUMOS

Observando a participação juvenil nas quadrilhas e festivais juninos, o objetivo deste artigo é compreender o estabelecimento de redes de relações e sociabilidades entre jovens e como constroem determinados mecanismos de participação nos festivais institucionalizados. Os dados apresentados foram elaborados através de análises etnográficas e entrevistas em grupos de discussão, realizadas entre fevereiro e agosto de 2015 com a Agremiação Junina Cariri, de Juazeiro do Norte-CE. Considera-se que as quadrilhas juninas sejam espaços de relações que se dissipam para além das temporalidades efêmeras dos festejos juninos, abrindo margem para confecção de redes de sociabilidades e de protagonismos que põem distintos jovens em contato entre si na cidade, onde atuam como 'artistas'. São também grupos que possibilitam relações outras para além de instituições como família e escola.

The aim of this article is to understand the establishment of networks of relationships and sociabilities among young people and how they construct certain mechanisms of participation in the institutionalized festivals. The data presented were elaborated through ethnographic analyzes and interviews in groups of discussion, carried out between February and August of the year 2015 with the Junina Cariri Association of Juazeiro do Norte-CE. The juninas gangs are considered to be spaces for relations that dissipate beyond the ephemeral temporalities of the June celebrations, opening the door for networks of sociabilities and protagonisms that put different young people in contact with each other in the city, where they act as 'artists'. They are also groups that enable relationships other than institutions such as family and school.

ÍNDICE

Palavras-chave: sociabilidades, protagonismos, quadrilhas juninas, juventude, espaço urbano

Keywords: sociabilities, protagonisms, juninas gangs, youth, urban space

AUTOR

RICARDO CRUZ MACEDO

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba,
PPGS/UFPB. E-mail: ricardocruzmacedo@gmail.com